

Novelas Extravagantes

Mário de Carvalho



0 conde Jano

Esta história baseia-se num antigo rimance popular. Nos romances de Garret e Teófilo encontram-se várias versões, com nomes diferentes: «Conde Alberto», «Conde Alves», «Silvana», «Conde Alarcos», «Conde Yanno», «Conde Iano», etc...

Preferi chamar-lhe «O conde Jano».

MdC

*Vinde com Deus, meu bom conde,
Vinde com Deus, fidalguia...*

Mal o Sol começou a querer pôr-se, um sargento e poucos homens de armas, de festivo brial escarlata sobre a cota de malha, brunida para a ocasião, atearam brandões nos fogareiros do pátio e, marchando em boa ordem, foram alinhar compostamente na esplanada fronteira às muralhas. Pela hora, tocavam os sinos longe as últimas ave-marias, num dobre alongado que rolava melancolicamente na humidade convulsa da aragem.

Não fora consentido aos homens o resguardo duma capa que lhes ocultasse o luzimento das armas, razão por que batiam os pés com o frio, num áspero entrechoque metálico. Derivava o claror dos archotes ao som das tremuras, descobrindo, em relances picados, aqui o reflexo de um morrião, ou de uma alabarda, além o vigamento de uma casa, o trejeito de espanto de um peão, ou a rugosidade pedrosa do solo.

Mendigos e vilões apinhavam-se ao perto, a respeitosa distância dos contos das lanças, e juntavam o burburinho da multidão aos sons dispersos, álares, que vinham do castelo. Pelas

portas abertas, à luz vermelha dos brandões, viam passar, es-
quartejados, caminho das cozinhas, os despojos da caçada
dessa manhã e almejavam a partilha, ainda distante, das so-
bras do festim, que não havia bocas fidalgas que dessem conta
de tanto cerdo e tanto veado...

Embaixadores, validos e cavaleiros encontravam-se por ora
reunidos nos aposentos que lhes foram destinados e alardea-
vam proezas de agreste montaria, enquanto se ataviavam para
descer ao salão.

Dos adarves, ouviam-se distintamente a vozearia e risos
dos fidalgos e o tinir das armas que se recolhiam para dar lugar
aos brocados e escarlatas do Oriente que se envergavam, qual
mais lustroso e garrido.

Instantes atrás, surdida furtivamente de uma porta de ser-
ventia, a infanta, acompanhada de duas aias, percorrera o cami-
nho de ronda, ante a estupefacção das atalaias, e fora postar-se
no escuro, muito quietamente, junto a uma das seteiras que en-
fiavam o terreiro. Ao besteiro que se curvara à sua passagem,
bisonho e escuro, a princesa ordenara, baixo:

— Vai-te daqui!

E o homem, num ranger espesso de couros e ferros, afas-
tara-se para fazer companhia a um grupo de soldados na pla-
taforma de uma torre distante, onde luzia um fogo.

Mal sentada num socalco de pedra, encostada às cantarias
húmidas, a infanta tiritava de frio. Por entre as vozes dos ho-
mens lá em baixo, o ladrar dos mastins e o bulício solto do cas-
telo, sobressaía naquele lugar a sua tosse, intermitente e seca.

Uma das aias desapertou o manto e aconchegou-o aos om-
bros da infanta, que nem se voltou para agradecer. De mãos

fincadas no rebordo das ameias, olhava para fora, fixamente, com uma atenção que deixava excluído tudo o que não fosse o único ponto dela.

Largo tempo decorreu, a multidão acrescentou-se, ondularam vozes e rumores, tropearam cavalos. Impacientes, as damas trocaram olhares, afeiçoadas já à escuridade do sítio, menos conformadas com a frieza dele, que melhor estariam ao lar, nos grandes salões, entre galanterias e cortejos. De novo os sinos repicaram, e a princesa não se movia...

Tardou, tardou, antes que, em crescendo surdo, se alteasse às ameias o murmúrio da turba, mais e mais levantado. Só então, a mão da infanta, muito branca, procurou e apertou com força a mão de uma das aias.

— É ele! — murmurou, sumidamente.

Já lá fora rompia sonoro o clamor e estralejavam os aplausos:

— É chegado o conde Jano! Alas ao conde Jano que veio da Cruzada!

Quase fazia doer aquela fincada mão da princesa, que não deixava de apertar. A aia suportou a pressão, mordendo ao de leve o lábio, mas não resistiu, como a outra, a debruçar-se e a procurar distinguir pormenores.

Luzida cavalgada lá vinha, trotando, em composta precisão de archotes. Gentis-homens, resplandecentes de atavios e de armas, traziam entre si o conde Jano, que haviam esperado muito além, por caminhos desviados, numa menagem reverencial ao cavaleiro cruzado. À luz incerta dos fogachos, sobressaía, no peito do conde, a cruz, de vermelho-vivo, sinal dos merecimentos de sacrifício e de bravura em areais longínquos.

Não delongou muito o cortejo. Com um suspiro, a princesa abrandou a tensão com que apertava a mão da aia e largou-a, enfim, magoada. Do lado de dentro do castelo, vinham agora os rumores dos cavaleiros a desmontarem. Foi-se sumindo o rumorejo da multidão vilã. Sobravam apenas, arrepiantes, os gritos dos mendigos. A princesa, devagar, levantou-se e devolveu o manto à aia.

— Vamo-nos — disse.